rba Revista Brasileira de Alfabetização

LETRAMENTOS RELIGIOSOS E DISPUTAS DE PODER NO CINEMA CONTEMPORÂNEO: *DUNA* COMO DISPOSITIVO PEDAGÓGICO NO ENSINO MÉDIO

RELIGIOUS LITERACIES AND POWER DISPUTES IN CONTEMPORARY CINEMA: *DUNE* AS A PEDAGOGICAL DEVICE IN HIGH SCHOOL EDUCATION

Isaías dos Santos Ildebrand
Universidade FEEVALE
isaias.brand@gmail.com

Vagner de Souza Rodrigues
Governo do Estado do Rio Grande do Sul
sr.vagner@gmail.com

Nina Gabriela Ponne Rodrigues
Universidade FEEVALE
ninarodrigues@feevale.br

Ana Cândida Santos de Carvalho
Universidade FEEVALE
anacsc@feevale.br

RESUMO

O artigo propõe uma reflexão sobre a presença da religiosidade como prática social em narrativas audiovisuais, com foco na obra *Duna*. A partir de elementos simbólicos, discursivos e rituais, discute-se como a fé é mobilizada para fins de controle, resistência e construção de identidades. A proposta considera os letramentos em sua dimensão crítica e multimodal, evidenciando possibilidades de trabalho interdisciplinar no Ensino Médio. Ao final, são sugeridos eixos temáticos e estratégias de diálogo que respeitam e valorizam o pensamento crítico, promovendo a interpretação reflexiva das narrativas religiosas no contexto escolar.
Palavras-chave: Letramento crítico. Cinema. Ensino Médio. Narrativas audiovisuais. Leitura.

ABSTRACT

The article proposes a reflection on the presence of religiosity as a social practice in audiovisual narratives, focusing on the work *Dune*. Drawing from symbolic, discursive, and ritual elements, it discusses how faith is mobilized for purposes of control, resistance, and identity construction. The proposal considers literacies in their critical and multimodal dimensions, highlighting possibilities for interdisciplinary work in high school education. In the final section, thematic axes and dialogue strategies are suggested that respect and value critical thinking, fostering a reflective interpretation of religious narratives within the school context
Keywords: Critical literacy. Cinema. High school. Audiovisual narratives. Reading.

1. INTRODUÇÃO

Em um cenário de crescente circulação de narrativas que articulam tecnologia, espiritualidade e política, a obra ***Duna*** (Herbert, 1965) tem se destacado como um campo fértil para reflexões interdisciplinares. Suas releituras contemporâneas (Villeneuve, 2021, 2024), especialmente as cinematográficas, evidenciam o entrelaçamento entre fé, poder e identidade em contextos de opressão colonial e resistência cultural. Ao criar um universo onde as religiões são instrumentos de manipulação e emancipação, ***Duna*** oferece elementos simbólicos e discursivos que desafiam a compreensão simplista da espiritualidade (Villeneuve, 2021, 2024). Essa complexidade propõe novos modos de ler o sagrado como experiência encarnada e situada. Nesse sentido, refletir sobre as visualidades, práticas e discursos religiosos na obra permite tensionar sentidos normativos da religião, oferecendo subsídios potentes para o trabalho pedagógico que visa promover o pensamento crítico e o respeito à diversidade cultural e religiosa.

O presente artigo tem como objetivo investigar como a obra ***Duna*** pode ser mobilizada como recurso pedagógico no Ensino Médio para promover letramentos críticos sobre a religiosidade. Busca-se responder à seguinte pergunta: de que modo os discursos religiosos presentes em ***Duna*** articulam dispositivos de dominação e resistência, e como essa tessitura pode ser explorada em práticas educativas comprometidas com a laicidade e a pluralidade? Ao analisar as dinâmicas de fé e poder inscritas nas relações entre personagens, grupos e instituições do universo ficcional, pretende-se demonstrar que o ensino da religiosidade não se restringe a doutrinas ou credos, mas envolve disputas simbólicas, processos identitários e práticas de leitura do mundo. A obra oferece, assim, uma oportunidade para repensar o papel da escola na mediação entre saberes religiosos e direitos humanos.

Para fundamentar a análise, recorre-se a autores que pensam o letramento como prática social situada (Street, 2022), bem como aos estudos freirianos sobre leitura crítica e emancipação (Freire, 1987; 1996). Também são mobilizadas as contribuições de Foucault (2012) sobre os dispositivos de saber-poder e o papel da religião como operador discursivo. O diálogo com essas matrizes teóricas permite articular a noção de religiosidade com as visualidades e performances corporais que compõem o universo de ***Duna***. Além disso, autores como Silva (2020) e Candau (2016) subsidiam a reflexão sobre educação intercultural e respeito à diversidade religiosa na escola pública. Essa base teórica viabiliza a análise dos elementos narrativos, estéticos e simbólicos da obra, propondo uma leitura que desafia tanto perspectivas essencialistas quanto visões moralizantes da fé.

A investigação apresenta uma abordagem qualitativa de cunho teórico-interpretativo, centrada na análise de elementos narrativos e visuais da obra ***Duna*** e suas possíveis reverberações pedagógicas. Os dados são extraídos das edições literárias e fílmicas da série, com destaque para enredos, personagens e discursos que evocam práticas religiosas, mitologias e estruturas de poder. O foco está na produção de sentido a partir dos discursos e performances presentes na obra, especialmente no que tange ao papel da fé como dispositivo de controle e resistência. A partir disso, propõem-se articulações com os campos do Ensino Religioso, da Filosofia, da História e da Língua Portuguesa, ancoradas na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). O método se sustenta, portanto, na análise textual e discursiva, com fins pedagógicos e crítico-reflexivo.

O artigo está organizado em cinco partes principais. Após esta introdução, a segunda parte apresenta as bases teóricas que fundamentam a proposta. A terceira parte analisa aspectos narrativos e simbólicos da obra ***Duna***, com foco em suas articulações com relações de poder e práticas sociais. Na quarta parte, discutem-se elementos expressivos presentes na narrativa, observando como eles

contribuem para a construção de sentidos ligados à religiosidade. Por fim, a quinta parte propõe possibilidades de trabalho pedagógico com a obra no Ensino Médio, com sugestões temáticas e metodológicas que dialogam com os desafios da prática docente. Ao longo do texto, destaca-se a importância de abordar temas sensíveis de forma crítica, respeitosa e comprometida com a formação plural dos estudantes.

2. RELIGIÃO, LEITURA E LETRAMENTOS SOCIAIS: ENTRE FÉ E PODER

Os estudos de Street (2006, 2014) deslocaram a concepção de letramento como mera habilidade técnica para entendê-lo como prática social situada, múltipla e culturalmente moldada. No contexto religioso, esse deslocamento é fundamental para compreender que a leitura da Bíblia, do Alcorão ou de outros textos sagrados não se reduz à decodificação, mas envolve rituais, mediações e regimes de interpretação específicos. O letramento religioso, nesse sentido, não é único nem universal, mas plural, variando conforme tradições, instituições e comunidades. Em Silva (2020), essa perspectiva é reforçada ao analisar práticas de letramento em grupos evangélicos no Brasil, apontando para a centralidade da oralidade, da escuta e da performance. Assim, o letramento religioso revela-se como uma prática cultural complexa que articula fé, autoridade e interpretação. Entendê-lo demanda atenção à historicidade dos sujeitos e aos dispositivos que moldam suas formas de ler.

As práticas religiosas mobilizam formas específicas de oralidade, escuta e leitura, configurando eventos de letramento comunitário mediados por lideranças, tradições e performances. Em muitas religiões, a leitura do texto sagrado não é uma atividade solitária e silenciosa, mas coletiva, oralizada e ritualizada, como evidenciam os estudos etnográficos em terreiros, igrejas e mesquitas. A repetição litúrgica, o canto, a pregação e os testemunhos constituem modos de circulação da palavra escrita, transformando o texto em prática viva e corporal. Street (2014) reforça que essas formas de letramento oralizado não devem ser vistas como "inferiores" ao modelo escolarizado de leitura, mas como manifestações legítimas de práticas sociais e culturais. Esse entendimento é essencial para abordar o letramento religioso como fenômeno que articula oralidade e escrita em formatos que extrapolam a página impressa e se realizam na voz, no gesto e na escuta.

Freire (2003) oferece uma chave crítica para compreender o letramento religioso como processo de leitura do mundo. Em sua obra, a leitura da palavra está profundamente vinculada à leitura da realidade concreta, dos contextos de opressão, das experiências cotidianas. Assim, ao ler textos religiosos, os sujeitos não apenas se conectam com o transcendente, mas também reelaboram sua existência e sua posição no mundo. Para Freire, é preciso alfabetizar para a consciência, e isso inclui desvelar os sentidos políticos das escrituras e das práticas religiosas. Quando o letramento religioso se alinha à pedagogia da libertação, ele pode se tornar ferramenta de transformação, e não de submissão. Em contextos em que o texto sagrado é usado para justificar desigualdades, a leitura crítica, como propõe Freire (2003), atua como resistência ética e epistêmica às leituras dogmáticas e autoritárias.

Recorrendo à hermenêutica proposta por Ricoeur (2007), que oferece uma abordagem refinada para pensar a leitura dos textos religiosos como prática interpretativa, destaca-se que interpretar um texto não é apenas extrair seu significado literal, mas atravessar suas múltiplas camadas simbólicas, históricas e éticas. No caso das escrituras religiosas, isso significa considerar o texto como portador de sentidos plurais, abertos ao tempo e à comunidade. Ricoeur (2007) propõe uma leitura que concilie a crítica e a fé, a distância histórica e a experiência atual do leitor. Sua perspectiva permite enten-

der que toda leitura é, ao mesmo tempo, apropriação e deslocamento: lemos a partir de um lugar, mas também somos interpelados pelo texto. No campo do letramento religioso, essa hermenêutica possibilita práticas que reconhecem o texto sagrado como provocação ética, e não como manual de verdades fixas ou absolutas.

As práticas de letramento religioso envolvem mediações institucionais e disputas de sentido. Igrejas, templos e demais espaços de culto organizam rituais de leitura, estabelecendo regras interpretativas, cânones e exclusões. Em muitos casos, há disputas sobre quem pode interpretar, quem pode falar em nome do texto e quais sentidos são autorizados. Essa dimensão política do letramento religioso é abordada por Silva (2020) ao evidenciar como diferentes lideranças religiosas selecionam passagens, orientam leituras e moldam a compreensão dos fiéis. A mediação se torna, assim, um ato de poder. Como apontam os estudos de Ildebrand (2025a; 2025b), a leitura crítica na escola deve atentar para essas dimensões discursivas, trazendo para a sala de aula o debate sobre autoridade, seleção textual e efeitos de sentido. Desse modo, o letramento religioso, quando estudado criticamente, revela sua inserção em regimes de verdade e disputas por hegemonia cultural.

No contexto contemporâneo, o letramento religioso não se limita à leitura de textos impressos. Ele se expande por linguagens multimodais: vídeos, memes, músicas gospel, podcasts e transmissões ao vivo de cultos. Essa pluralidade de suportes e linguagens amplia os modos de apropriação do discurso religioso, sobretudo entre os jovens. Ildebrand (2025a, 2025b, 2025c, 2025d) destaca como as séries e os produtos audiovisuais ativam competências de leitura crítica que envolvem o reconhecimento de signos religiosos e suas ressignificações. Em vez de separar texto e imagem, palavra e som, é preciso pensar o letramento religioso como prática multimodal, situada em ecossistemas comunicativos digitais. As redes sociais, por exemplo, se tornaram novos púlpitos de interpretação bíblica. Nessa perspectiva, a leitura religiosa é performada, remixada e disputada também no campo audiovisual, exigindo do ensino médio uma abordagem que reconheça tais transformações.

O cinema constitui, na contemporaneidade, um espaço privilegiado de narrativas simbólicas que mobilizam mitos, arquétipos e religiões. Filmes como ***Duna*** atualizam o messianismo, a profecia, o martírio e a fé como motores narrativos, inscrevendo esses temas em disputas políticas, tecnológicas e sociais. Ao abordar o cinema em sala de aula, não se trata apenas de buscar "mensagens" edificantes, mas de reconhecer como ele estrutura sentidos e estéticas que atualizam e tensionam o religioso. Como lembra Ildebrand (2025a, 2025b, 2025c, 2025d), a leitura crítica de produtos culturais exige considerar seus múltiplos modos de significação. O cinema, nesse sentido, pode ser espaço de letramento religioso, quando permite refletir sobre crenças, interpretações e dispositivos de controle. Trabalhar com filmes no ensino médio amplia as possibilidades de debate sobre fé, cultura e subjetividade, integrando o simbólico ao político de forma transversal.

Na era da informação e das mídias digitais, os rituais e mitos religiosos são recodificados e recirculados por meio de novas linguagens, entre elas o cinema. As narrativas religiosas são reencenadas em tramas distópicas, ficções científicas ou animações, ganhando novos contextos de recepção e debate. Esse processo de recirculação é ambíguo: pode reforçar estereótipos ou abrir caminhos para a crítica e a ressignificação. Ao considerar o cinema como prática de letramento, abre-se a possibilidade de analisar como o sagrado é esteticamente traduzido, reinterpretado e, por vezes, esvaziado ou transformado em alegoria política. Assim, a escola pode funcionar como espaço onde os estudantes sejam provocados a ler essas imagens e narrativas com atenção, ética e consciência crítica. Longe de ser neutro, o audiovisual participa da produção de subjetividades e da disputa por sentidos religiosos na contemporaneidade.

3. *DUNA*, RELIGIÃO E COLONIALIDADE: LETRAMENTOS COMO INSTRUMENTOS DE CONTROLE

No universo ficcional de ***Duna***, dirigido por Villeneuve (2021, 2024), a religião não se apresenta apenas como crença ou espiritualidade, mas como uma arquitetura de controle social. A figura messiânica de Paul Atreides[1] é construída não espontaneamente, mas por uma engenharia profética elaborada pela Bene Gesserit[2]. Essas profecias, estrategicamente disseminadas entre os Fremen[3], transformam-se em dispositivos de manipulação política. Tal contexto revela como os letramentos religiosos podem ser instrumentalizados para sustentar sistemas de dominação, operando como ferramentas simbólicas que moldam as crenças e comportamentos de coletividades inteiras, abrindo margem para pensar o papel da leitura da fé no campo das disputas de poder.

A compreensão foucaultiana do poder, centrada na sua dimensão capilar e na vigilância difusa, contribui para analisar a forma como os discursos religiosos em ***Duna*** se inscrevem nos corpos (Foucault, 2000). O treinamento físico e espiritual de Paul, bem como os rituais e práticas dos Fremen, são expressões de um biopoder que age tanto pela imposição de normas quanto pela interiorização de sentidos religiosos. Nesse contexto, o letramento religioso deixa de ser neutro e assume a função de mediação entre o saber e o controle dos corpos, evidenciando uma pedagogia implícita nos próprios gestos e narrativas da fé.

Mignolo (2017) argumenta que a colonialidade persiste como lógica de dominação epistemológica, ainda que as formas coloniais tenham sido formalmente superadas. Em ***Duna***, a fé dos Fremen é cooptada e redirecionada por elites colonizadoras como os Atreides e Harkonnen[4], que manipulam seus saberes e mitologias locais. O filme desvela como os letramentos religiosos podem ser apropriados para sustentar projetos coloniais, reforçando a colonialidade do saber e o apagamento das cosmovisões originárias. Assim, a leitura religiosa no contexto de ***Duna*** carrega uma ambiguidade: pode ser resistência, mas também submissão, dependendo de quem escreve, lê e interpreta.

A partir de Said (2007), compreendemos o orientalismo como a produção discursiva que representa o "outro" como exótico, irracional e submisso. ***Duna*** articula esse exotismo ao representar os Fremen com elementos que evocam tradições islâmicas e beduínas, transformando-os em arquétipos de um Oriente genérico. Tal representação é fundamental para a construção narrativa da religião como paisagem exótica e manipulável. O letramento religioso, nesse caso, não se dá apenas pela fé, mas pela forma como as culturas e práticas são lidas, traduzidas e espetacularizadas pelo olhar ocidental-colonial. Essa leitura imposta reforça estereótipos e naturaliza hierarquias culturais.

O poder de persuasão da fé em ***Duna*** evidencia que a religião opera como uma ferramenta eficaz

1 Paul Atreides é herdeiro da Casa Atreides, criado desde cedo para liderar. É treinado em artes de guerra, política e estratégia, mas também em práticas místicas da Bene Gesserit, por influência de sua mãe, Lady Jessica. Paul transita entre o mundo da razão e o do pressentimento, desenvolvendo dons premonitórios que o colocam como figura messiânica entre os Fremen. Sua personalidade inicialmente é introspectiva e observadora, evoluindo para um líder carismático e, em certo ponto, temido.

2 As Bene Gesserit são uma ordem matriarcal ancestral, composta por mulheres que treinam intensamente em técnicas físicas, mentais e espirituais, com foco em manipulação genética, controle corporal e influência política. Agem nos bastidores do poder, influenciando casamentos, linhagens e destinos de impérios, com o objetivo de concretizar um plano de longo prazo conhecido como o **Caminho Dourado,** cujo ápice seria o nascimento do **Kwisatz Haderach**, um messias masculino que teria acesso pleno ao passado genético e às visões do futuro.

3 Os Fremen são o povo nativo do planeta Arrakis, adaptados às condições extremas do deserto. Vivem em sietches, comunidades subterrâneas, e têm uma profunda conexão espiritual e ecológica com o deserto e com os vermes gigantes (Shai-Hulud), que consideram sagrados. Desenvolveram tecnologias sustentáveis como o traje destilador, que recicla a água do corpo, mostrando uma relação íntima com a escassez e o cuidado com os recursos naturais.

4 A Casa Atreides é apresentada como nobre, ética e honrada; imagem cuidadosamente construída para contrastar com os Harkonnen. Contudo, sua chegada a Arrakis representa a continuidade da lógica imperialista: ocupam, exploram e impõem seus próprios modos de vida sobre a cultura Fremen, sob o pretexto de "administração legítima".

de colonização simbólica. As profecias implantadas, as promessas messiânicas e os rituais manipulados pela Bene Gesserit mostram como o imaginário coletivo pode ser condicionado. Esse processo de dominação simbólica, ao mobilizar elementos da espiritualidade, exemplifica o que Freire (2003) criticava como leitura do mundo sem consciência crítica. Sem uma leitura dialógica e histórica da palavra, a fé pode ser reduzida a instrumento de manutenção da opressão, servindo ao que Foucault chamaria de racionalidade política dos corpos e das almas.

Conforme Street (2014), os letramentos são sempre sociais e situados. No universo de ***Duna***, observa-se a existência de um letramento religioso moldado por relações de poder e por sistemas de crença híbridos. A leitura das profecias, os códigos religiosos da água e os ritos de passagem dos Fremen revelam práticas de letramento interligadas às condições materiais e simbólicas daquele mundo. Tais práticas não apenas expressam a fé, mas organizam o cotidiano e influenciam decisões políticas. Assim, o ensino sobre religião não pode dissociar o texto da vida, nem o sagrado do contexto que o interpreta.

Para Jullier e Marie (2009), o cinema é uma linguagem com gramática própria, que articula signos visuais e sonoros em narrativas multimodais. Nesse sentido, o filme ***Duna*** pode ser lido como um texto que constrói, desconstrói e reinscreve discursos religiosos. Ao expor como a religião pode ser criada artificialmente, o filme convida o espectador a uma leitura crítica do sagrado e da fé. Pramaggiore e Wallis (2005) reforçam que a análise fílmica é uma via para explorar essas construções discursivas, tornando o cinema um poderoso corpus para práticas pedagógicas que buscam letramentos críticos e multimodais.

A utilização de filmes como ***Duna*** no contexto escolar amplia os modos de leitura e os sentidos atribuídos à religião. Como argumenta Ildebrand ***et al***. (2025), a linguagem multimodal do audiovisual permite articular diferentes competências de leitura crítica, especialmente ao questionar os sentidos hegemônicos construídos sobre fé, cultura e política. Ao abordar a manipulação da crença e o messianismo como projeto de dominação, o filme instiga os estudantes a identificarem como determinadas narrativas religiosas são naturalizadas e utilizadas como formas de governar subjetividades. Nesse processo, o letramento religioso torna-se instrumento de análise crítica das estruturas de poder simbólico.

Para tanto, a análise de ***Duna*** à luz dos autores discutidos revela que os letramentos religiosos não são apenas repertórios espirituais, mas também dispositivos de organização do mundo. Na contemporaneidade, em especial no cinema, a religião aparece frequentemente como signo atravessado por interesses geopolíticos, disputas de sentido e processos de colonização cultural. Ao propor o uso pedagógico de obras cinematográficas como ***Duna***, reforça-se a importância de desenvolver práticas de leitura crítica que compreendam a fé como linguagem e estrutura de poder. Dessa forma, o cinema contribui para ressignificar e recircular religiosidades, não como dogmas, mas como narrativas em disputa.

4. LETRAMENTOS RELIGIOSOS E MULTIMODALIDADE: VISUALIDADES SAGRADAS, ESCRITURA E PERFORMATIVIDADE

O conceito de letramento multimodal, conforme Kress e van Leeuwen (2006), desloca a centralidade do texto escrito para uma compreensão mais ampla dos modos de significação. Em ***Duna***, esse conceito é particularmente relevante, já que a construção de sentidos se dá por meio da articulação entre linguagens visuais, gestuais, sonoras e espaciais. As cenas de iniciação, os rituais religiosos e as visões proféticas são exemplos em que essas múltiplas linguagens operam simultaneamente para produzir efeitos estéticos e ideológicos. Lemke (2010) e Ildebrand ***et al.*** (2025) reforçam que o sentido em narrativas audiovisuais emerge da relação entre diferentes modos semióticos, o que exige do espectador um tipo de leitura integrada e sensível às nuances da linguagem cinematográfica. Trabalhar com esses elementos em sala de aula implica ampliar as formas de leitura e de interpretação crítica.

Rojo (2012) argumenta que a escola precisa atualizar suas práticas letradas para incorporar criticamente os textos multimodais e suas potências formativas. No caso de ***Duna***, o letramento multimodal permite explorar como diferentes signos constroem e sustentam uma ordem simbólica marcada por religiosidade e manipulação política. O filme apresenta sistemas linguísticos próprios, como idiomas fictícios, além de símbolos visuais carregados de significados, como selos, tatuagens, véus e mapas. Street (2022) também alerta para os contextos sociais e ideológicos nos quais os letramentos se manifestam. O contato com essas linguagens em contexto pedagógico favorece o reconhecimento da diversidade cultural e das formas simbólicas de poder. Além disso, contribui para que os estudantes analisem como determinadas estéticas reforçam hierarquias e crenças naturalizadas.

O corpo, como suporte do sagrado, é central na estética e na narrativa de ***Duna***. As personagens Bene Gesserit, por exemplo, expressam sua autoridade espiritual e política por meio da gestualidade, da postura e da entonação vocal. O treinamento corporal que recebem não apenas disciplina, mas produz uma linguagem própria, codificada em rituais silenciosos e atos de manipulação. A voz modulada, o olhar fixo e os gestos coreografados são utilizados para influenciar, controlar e persuadir. Esse domínio corporal está vinculado a um saber milenar, transmitido por linhagens exclusivamente femininas, o que tensiona as fronteiras entre opressão e empoderamento. O corpo torna-se, assim, linguagem e performance, campo de disputa simbólica e instrumento de manutenção do poder religioso e político, acessível a poucos iniciados.

A visualidade ritual em ***Duna*** é densa e complexa. A mise-en-scène privilegia elementos icônicos que sugerem transcendência e pertencimento: túnicas, véus, tatuagens, máscaras e ornamentos compõem um universo simbólico marcado pela ancestralidade e pelo mistério. Esses elementos não são decorativos, mas componentes estruturais da narrativa. Inscrições em línguas fictícias e o uso de selos reforçam o controle do saber e a sacralização de determinadas mensagens. O uso estratégico da luz e da sombra, somado aos tons ocres e azulados do deserto, contribui para a construção de uma atmosfera sagrada e ambígua. Essa iconografia, aliada à cenografia imersiva, atualiza estéticas religiosas do passado e projeta um imaginário futurista no qual fé, ciência e dominação convergem em imagens altamente simbólicas.

A trilha sonora composta por Hans Zimmer atua como dispositivo emocional e ideológico. Combinando timbres étnicos, cantos guturais e sons eletrônicos, a música reforça o caráter mítico e religioso de cenas-chave. Em momentos de revelação ou sacrifício, a música intensifica a experiência sensorial e guia a recepção do espectador. Além disso, o uso de silêncios dramáticos cria tensão e reverência, como nos rituais Fremen ou nas visões de Paul. A montagem também desempenha papel fundamental na construção do sagrado, alternando planos fechados que revelam a intimidade dos personagens com planos abertos que destacam a vastidão do deserto. Essa articulação entre som e imagem intensifica a dimensão espiritual da narrativa, convidando o espectador à contemplação e à imersão.

Ildebrand (2025a; 2025b; 2025c) propõe que práticas pedagógicas com cinema e multimodalidade criem condições para a leitura crítica dos discursos que circulam na cultura midiática. ***Duna***, como obra complexa e esteticamente densa, oferece um campo fértil para o desenvolvimento de competências interpretativas no Ensino Médio. Ao articular ficção científica e religiosidade, a obra permite investigar como se constroem regimes de verdade, como se manipulam crenças e como o sagrado pode ser instrumentalizado por interesses políticos. Utilizar o filme em sala de aula requer mediações éticas e pedagógicas, valorizando o debate e o confronto de ideias. Assim, o cinema deixa de ser apenas entretenimento e passa a funcionar como linguagem crítica e formadora de sujeitos atentos às dinâmicas sociais e simbólicas.

Além dos aspectos estéticos e narrativos, ***Duna*** convida à reflexão sobre o papel da fé na construção de comunidades e sistemas de controle. As Bene Gesserit manipulam a religião por meio de profecias, genealogias e estratégias eugênicas, moldando o destino de povos inteiros. Os Fremen, por sua vez, reinterpretam essas profecias para afirmar sua própria identidade e resistência. A fé, portanto, aparece como campo em disputa, atravessado por manipulações, mas também por esperança e reinvenção. Tais tensões podem ser trabalhadas em atividades pedagógicas que promovam comparações com tradições religiosas reais, movimentos messiânicos históricos e formas contemporâneas de espiritualidade. Dessa maneira, o filme torna-se ponto de partida para discussões amplas sobre cultura, identidade e poder.

Ao final da exploração multimodal de ***Duna***, o professor pode lançar perguntas críticas que estimulem o pensamento reflexivo dos estudantes. Que tipo de religiosidade é construída no filme? Quais grupos têm acesso aos saberes sagrados? Como os elementos visuais e sonoros contribuem para reforçar ou questionar essas crenças? De que forma o corpo é usado como meio de comunicação e controle? A fé é apresentada como instrumento de emancipação ou de dominação? Que relações podem ser traçadas entre o imaginário de ***Duna*** e as realidades religiosas contemporâneas? Tais questões não visam desautorizar a fé, mas fomentar uma postura investigativa e ética diante das representações culturais do sagrado no cinema e na sociedade.

A leitura crítica de ***Duna*** como obra cinematográfica atravessada por simbolismos religiosos e estratégias de poder nos convida a compreender o letramento religioso como prática social e discursiva. Street (2014) defende que os letramentos são sempre situados e ideológicos, moldados por disputas culturais, políticas e epistêmicas. Assim, abordar a religiosidade em sala de aula exige tratá-la como linguagem viva e prática social, e não como doutrina. Freire (1996) reforça a importância de promover uma leitura crítica do mundo, em que fé e conhecimento dialogam com a realidade concreta dos sujeitos. Já Foucault (1999) nos alerta para os dispositivos de saber-poder presentes nas instituições, inclusive nas escolares. Esses referenciais fundamentam a proposta de trabalho com ***Duna*** no Ensino Médio, articulando temas como fé, resistência, dominação e emancipação, por meio de estratégias interdisciplinares e críticas.

5. PROPOSTAS DE TRABALHO COM *DUNA* NO ENSINO MÉDIO: TEMAS, ESTRATÉGIAS E RESISTÊNCIAS

Ao abordar ***Duna*** no Ensino Médio, é possível promover reflexões críticas sobre religião, política e letramento. A ficção científica, como destaca Ildebrand (2025a, 2025b, 2025c, 2025d), pode ser uma potente estratégia para desenvolver a leitura crítica e ampliar a compreensão sobre práticas sociais. A religião, nesse contexto, não deve ser lida como doutrina, mas como prática social (Street, 2014). Isso permite tensionar como as crenças são mobilizadas para fins de poder, identidade ou resistência. Com base em Ricoeur (2007), a hermenêutica das narrativas sagradas permite compreender os sentidos plurais atribuídos aos textos e imagens. No caso de ***Duna***, a manipulação da fé, a criação de um messias e a relação com ancestralidades podem ser exploradas de forma ética e pedagógica, respeitando a laicidade da escola pública.

A figura de Paul Atreides como messias é construída visualmente, narrativamente e simbolicamente em ***Duna***. A série revela como profecias podem ser forjadas para consolidar poderes políticos, o que remete às discussões foucaultianas sobre o saber como forma de dominação (Foucault, 2000). A Bene Gesserit, por meio de ações planejadas e doutrinas místicas, molda a fé popular, criando uma figura redentora que atende aos interesses de castas dominantes. Esse movimento evidencia o uso estratégico da religião como dispositivo de controle. Analisar essas cenas em sala de aula possibilita

problematizar o modo como mitos de salvação são construídos. Segundo Street (2006), o letramento religioso é historicamente moldado por práticas sociais e políticas. Nesse sentido, ***Duna*** explicita os riscos da fé instrumentalizada por elites colonizadoras.

Em ***Duna***, religião e política estão entrelaçadas. O controle sobre as crenças populares é ferramenta de dominação e manutenção do poder. A ascensão de Paul como Kwisatz Haderach é também um movimento geopolítico, consolidando territórios e alianças. Para Foucault (2000), o poder opera através de corpos e discursos. Em Arrakis, o messianismo de Paul legitima o extermínio e o expansionismo. A análise crítica dessas tramas permite discutir, com base em Mignolo (2017), como a colonialidade ainda se expressa por meio de dispositivos simbólicos. Em aula, é possível relacionar esse controle da fé com exemplos históricos e atuais, ampliando a consciência crítica dos estudantes. A religião, portanto, emerge como linguagem política que regula comportamentos, organiza territórios e sustenta hierarquias.

Se a fé pode ser colonizadora, também pode ser potência de resistência. Os Fremen exemplificam uma espiritualidade que se ancora na ancestralidade, no cuidado com o deserto e na preservação da coletividade. Para Silva (2020), o letramento religioso deve considerar os modos como diferentes comunidades produzem sentidos a partir da fé. Os rituais corporais, as palavras sagradas e os códigos gestuais dos Fremen mostram uma relação encarnada com o sagrado. A presença do corpo, como destaca Moreira e Candau (2003), é central nas práticas culturais e religiosas. Ao explorar esses aspectos em aula, docentes podem valorizar a diversidade religiosa sem doutrinação, conectando a resistência dos Fremen à história de povos originários, quilombolas e outras expressões espirituais marginalizadas nas narrativas hegemônicas.

O trabalho com letramento religioso na escola deve superar a memorização de dogmas e avançar para a leitura crítica dos textos, imagens e rituais que moldam as crenças. Freire (2003) defende que ler o mundo precede a leitura da palavra. Assim, ao trabalhar com a iconografia de ***Duna***, com suas línguas inventadas e insígnias sagradas, o professor promove práticas de letramento multimodal (Kress & van Leeuwen, 2006; Street, 2022). Essas práticas ampliam a capacidade dos estudantes de interpretar criticamente como o sagrado é representado na cultura midiática. Ao se apropriarem desses recursos, os estudantes deixam de ser meros espectadores e passam a exercer agência interpretativa, compreendendo como símbolos religiosos podem tanto oprimir quanto libertar.

A leitura crítica de ***Duna*** exige metodologias que articulem diferentes áreas do conhecimento. A análise de cenas pode ser feita à luz da História, Filosofia, Ensino Religioso e Língua Portuguesa. Jullier e Marie (2009) e Pramaggiore e Wallis (2005) oferecem ferramentas para a leitura das imagens e da montagem. Atividades como criação de mapas conceituais, redação de crônicas e análise de dilemas éticos podem ampliar o repertório dos estudantes e favorecer a construção de sentidos. Como propõe Ildebrand (2025a; 2025c), o audiovisual pode ser um potente articulador entre linguagem e formação cidadã. Ao desenvolver projetos interdisciplinares, os professores criam pontes entre currículo, cultura digital e questões existenciais, fortalecendo o protagonismo estudantil.

Apesar da potência pedagógica, o trabalho com religiosidade na escola enfrenta tensões com a BNCC (Brasil, 2018) e com a compreensão reducionista da laicidade. A laicidade não significa ausência de religião, mas sim o respeito à pluralidade (Silva, 2020). A BNCC (Brasil, 2018) permite o Ensino Religioso como componente obrigatório, mas sua abordagem ainda é alvo de controvérsias. Ao trabalhar com ***Duna***, docentes devem agir com ética e responsabilidade, evitando doutrinação. A obra pode ser uma via para debater como a fé opera no cotidiano, nas relações de poder e nas lutas por justiça. Para Street (1995), o letramento é sempre social, situado e atravessado por disputas. Reconhecer isso é fundamental para uma educação democrática.

Para fundamentar o trabalho com religiosidade na escola, é essencial compreendê-la como prática social. Freire (2003) ensina que a leitura do mundo religioso exige escuta, diálogo e criticidade. Foucault (2000) nos lembra que não há neutralidade nos discursos, toda fala sobre fé é atravessada por relações de poder. Já Street (1984; 2014; 2022) propõe o conceito de letramentos sociais e multimodais, ampliando o entendimento sobre como diferentes grupos constroem significados a partir da fé. Essa perspectiva permite abordar a religião como linguagem, narrativa e performance, não como doutrina. Com isso, ***Duna*** se torna não apenas um objeto de leitura, mas um dispositivo de reflexão crítica sobre sociedade, história e cultura.

Ao propor um trabalho com ***Duna*** no Ensino Médio, professores se colocam na contramão da homogeneização curricular. Incorporar a ficção científica ao ensino de temas sensíveis, como fé e poder, exige sensibilidade ética, rigor teórico e criatividade pedagógica. A série dirigida por Villeneuve (2021; 2024) permite a leitura crítica de signos religiosos e suas implicações sociais. As estratégias interdisciplinares aqui sugeridas mostram que é possível articular linguagem, imagem, emoção e política. Inspirados por autores como Freire, Foucault e Street, educadores podem cultivar uma escola plural, crítica e emancipadora. A seguir, na conclusão do artigo, retomaremos os principais aportes desta análise e apontaremos caminhos para aprofundar a integração entre cinema, cultura e currículo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo partiu da proposta de investigar como a obra ***Duna*** pode ser utilizada como ferramenta pedagógica no Ensino Médio para promover letramentos críticos sobre religiosidade. A partir da análise de cenas, personagens e signos visuais, buscou-se compreender de que modo os discursos religiosos presentes na narrativa articulam dispositivos de dominação e resistência, e como tais elementos podem subsidiar práticas educativas comprometidas com a laicidade e o pensamento crítico. A resposta à pergunta de pesquisa indicou que ***Duna*** oferece um campo rico para abordar a religião como prática discursiva e social, permitindo aos estudantes refletirem sobre fé, poder, ancestralidade e emancipação. Nesse sentido, a obra contribui para ampliar a leitura do sagrado, desestabilizando abordagens doutrinárias e promovendo a pluralidade no ambiente escolar.

Ao longo do artigo, foram mobilizadas contribuições teóricas de Street (2022), Freire (1987, 1996) e Foucault (2012), entre outros, para sustentar a compreensão do letramento religioso como prática situada e política. A análise indicou que as experiências narrativas e estéticas de ***Duna*** podem estimular debates sobre manipulação messiânica, uso político da fé, ancestralidade e religiosidade popular. Tais reflexões se mostram relevantes em contextos educativos marcados por disputas ideológicas, tensionando o papel da escola na mediação de saberes e práticas culturais. Propõe-se, como perspectiva futura, a criação de sequências didáticas interdisciplinares que articulem Ensino Religioso, Filosofia, História e Língua Portuguesa, valorizando a formação ética, crítica e plural dos estudantes diante dos desafios do mundo contemporâneo.

Reconhece-se como limitação deste estudo a ausência de aplicação empírica das propostas pedagógicas em sala de aula, o que poderia oferecer dados mais concretos sobre os efeitos dessas abordagens no processo formativo dos estudantes. Além disso, embora tenha havido um esforço de interseção com a Base Nacional Comum Curricular, seria necessário um aprofundamento em experiências reais de mediação docente. Ainda assim, o artigo contribui ao oferecer um referencial teórico e prático para a abordagem crítica da religiosidade nas escolas, promovendo um olhar interdisciplinar e comprometido com os direitos humanos, a diversidade cultural e a formação cidadã. Ao defender que a literatura e o cinema podem operar como dispositivos de letramento, o estudo amplia as possibilidades pedagógicas para tratar do sagrado na escola pública.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 16 jun. 2025.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 17. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 25. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

HERBERT, Frank. *Dune*. Chilton Books, 1965.

ILDEBRAND, Isaías dos Santos *et al.* A adolescência como signo: uma leitura semiológica da série adolescência sob a perspectiva de Barthes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 23, p. 84-108, 2025. Disponível em: https://www.revel.inf.br/files/be0e4d4cbfae5beabc6ff5e31f414d7e.pdf.

ILDEBRAND, Isaías dos Santos. A Saúde Mental em Debate no Audiovisual e na Educação: reflexões críticas a partir de Sex Education e Severance. *Conversas em Psicologia*, v. 6, p. 1-18, 2025a. https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v6n2.e005

ILDEBRAND, Isaías dos Santos. Leitura Multimodal da Série 'O Problema dos 3 Corpos': Ampliando Saberes de Física e Letramento Científico no Ensino Médio. *Revista FSA (Faculdade Santo Agostinho)*, v. 22, p. 92-116, 2025b. http://dx.doi.org/10.12819/2025.22.9.5

ILDEBRAND, Isaías dos Santos. Linguistic Literacy in the Information Age: challenges and possibilities in light of Don't Look Up. *Revista Científica Intelletto*, v. 10, p. 63-79, 2025c. Disponível em: https://revista.grupofaveni.com.br/index.php/revista-intelletto/article/view/2169/1180. Acesso em 16 jun. 2026.

ILDEBRAND, Isaías dos Santos. Série e linguagem multimodal: estratégias para o desenvolvimento da leitura crítica e das competências 1 e 2 da BNCC. *Contradição - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas e Sociais*, v. 6, p. 1-15, 2025d. https://doi.org/10.33872/revcontrad.v6n1.e073

JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. *L'analyse de film*. Paris: Armand Colin, 2002.

JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. *Lendo as imagens do cinema*. São Paulo: SENAC, 2009.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. London: Routledge, 2006.

LEMKE, Jay L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. *Campinas*, v. 49, n. 2, 2010. https://doi.org/10.1590/S0103-18132010000200009.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, p. 1-18, jun. 2017. https://doi.org/10.17666/329402/2017

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. *Revista Brasileira de Educação*, p. 156-168, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/99YrW4ny4PzcYnSpVPvQMYk/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 16 jun. 2026.

PRAMAGGIORE, Maria; WALLIS, Tom. *Film: a critical introduction*. London: Laurence King, 2005.

RICOEUR, Paul. *A hermenêutica bíblica*. São Paulo: Loyola, 2007.

ROJO, Roxane (org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Antonio Valbert Alves. *"[…] Será essa prática de leitura e escrita relacionada aos conhecimentos da Bíblia? […]": características e contribuições do letramento religioso na Escola Bíblica Dominical*. 2020. 271 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. Disponível em: https://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9310. Acesso em: 16 jun. 2026.

STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. São Paulo: Parábola, 2014.

STREET, Brian. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, Brian. Multimodalidade. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria Geralda de Carvalho; BREGUNCI, Maria das Graças Cardoso (Orgs.). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2022. Disponível em: https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/multimodalidade. Acesso em: 16 jun. 2026.

STREET, Brian. Perspectivas interculturais sobre o letramento. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 8, p. 465-488, 2006. https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i8p465-488

STREET, Brian. *Social literacies: critical approaches to literacy in development: ethnographic perspectives*. Londres & New York: Longman, 1995.

VILLENEUVE, Denis (Direção). *Duna – Parte 1* [filme]. Roteiro de Jon Spaihts, Denis Villeneuve e Eric Roth. Produção: Legendary Pictures; Warner Bros., 2021. Disponível em: https://www.max.com. Acesso em: 27 dez. 2025.

VILLENEUVE, Denis (Direção). *Duna – Parte 2* [filme]. Roteiro de Denis Villeneuve e Jon Spaihts. Produção: Legendary Pictures; Warner Bros., 2024. Disponível em: https://www.max.com. Acesso em: 27 dez. 2025.

WHITE, Timothy R. *Film analysis guide*. Dubuque: Kendall-Hunt, 2005.

Recebido em: 30/03/2026
Aceito em: 18/05/2026